

PEDRO CESARINO

# Rio acima



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Pedro de Niemeyer Cesarino

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Carlo Giovani

*Preparação*

Livia Deorsola

*Revisão*

Thaís Totino Richter

Márcia Moura

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cesarino, Pedro de Niemeyer

Rio acima / Pedro de Niemeyer Cesarino. 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2803-7

1. Romance brasileiro 1. Título.

---

16-06823

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[www.facebook.com/companhiadasletras](https://www.facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://www.instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Fronteira

O céu pesado e excessivamente azul, as nuvens que parecem despencar em minha cabeça. Meu corpo carregado de chumbo, como se ganhasse novas (e piores) pernas ao voltar mais uma vez para esse fim de mundo. Magno, o motorista, vem chegando para me cumprimentar. Ele abre a porta da picape preta e sorri com aquele ar de Zé Pelintra de fronteira, que eu já não tenho paciência de aturar. Diz que devo resolver o problema do combustível ainda hoje, enquanto ele ainda está à minha disposição para trazer os galões do outro lado da fronteira até a balsa, na beira do rio. Sei que lá os impostos são mais baixos, mas a gasolina também pode ser mais suja.

Na preparação da viagem, cada detalhe é fundamental. Um descuido agora será suficiente para complicar a vida depois. Gasolina suja pode significar a canoa parada por horas no meio do rio — aquelas nuvens de piuns, os mosquitinhos minúsculos entrando por todos os poros do corpo enquanto

tenta-se resolver o problema de uma vela de motor entupida. Mas a grana é curta e preciso comprar mais de quatrocentos litros. Por isso o risco da gasolina suja acaba compensando.

São poucos passos daqui até a agência do Banco do Brasil, onde devo enfrentar aquela fila sem ar-condicionado para sacar o dinheiro no caixa eletrônico. Dessa vez o Laboratório não foi muito generoso nos recursos, talvez porque meu trabalho já não desperte o mesmo entusiasmo de antes. Será necessário segurar os gastos. Mal ponho os pés na calçada e dá vontade de voltar. Não sei como as pessoas dessa cidade suportam o calor, o sol que corta como canivete. Depois da sauna na fila do banco, pego uma moto para achar, do outro lado da fronteira, as doses de soro antiofídico, os comprimidos de malária e as pílulas de cloro que, vai saber por que, não são comercializadas do lado de cá.

A balconista me olha com certo estranhamento, mas está acostumada a não fazer perguntas. É melhor não saber por que um marmanjo resolve se meter no meio do mato. Saindo dali, passo por alguns índios vendendo larvas de madeira podre tostadas na brasa — o churrasquinho local que, a essa altura da vida, considero uma iguaria.

Duas quadras mais abaixo, encontro um bom mosquiteiro em uma loja de generalidades dessas que vendem de boias do Mickey a lampiões. Três bacias de alumínio, canecos de plástico, pratos, copos, uma faca boa mas não o suficiente para ser cobiçada, um despertador, um espelho pequeno, gilete, sabão de coco, panos de chão, baldes plásticos. A tralha de sempre, esse monte de porcarias indispensáveis, que me faz sentir despreparado, apesar de toda a experiência acumulada. Como se eu fosse ficar pelado sem tudo isso, desprotegido,

entregue a qualquer tipo de problema que vier. Pago o dono da loja com notas manchadas e amassadas. Tudo para entregar no El Comendador.

Passo para a próxima loja, que tem a melhor panela, aquela redonda de alça por cima, que serve para pegar água e guardar coisas. As botas com caneleira alta, até o joelho, só encontro ali. Parece que vêm da Colômbia ou do Equador e que são usadas pelas milícias. Várias caixas de balas calibre 16, chumbo, pólvora, espoleta e alguns gramas de anzol, duas redes, cordas e chapéu. Tudo isso para completar a tralha que, confesso, me faz sentir um pouco ridículo. O que antes me seduzia nessa condição de viajante permanente é, agora, repetitivo demais, quase melancólico.

No supermercado, mando encaixotar sacos e mais sacos de arroz, feijão e macarrão, além das latarias e de outros suprimentos, que deixam os vendedores brasileiros surpresos. Para que gastar tanto dinheiro com aqueles infelizes, dizem. Melhor seria tomar logo a terra deles. Por que o senhor vai perder tanto tempo por lá?, eles perguntam. Quero encerrar logo o papo-furado e respondo com breves ironias. Pago a conta com dinheiro vivo e mando entregar no El Comendador.

Numa loja de feitiçarias enfiada nas quebradas perto do porto, examino umas garrafadas sobre a prateleira e um maço de colares de contas encardidas penduradas em cima da porta. Contas vermelhas e pretas que me parecem ser de um Exu infiltrado na mata. Converso com o casal de senhores donos da loja. Desconfiados, quase lacônicos, me dizem que vêm da região do Putumayo e que vivem por ali há alguns anos. Será que também conhecem algo daquela narrativa que preciso registrar, a do pegador de pássaros? Talvez tenham escutado

algo sobre isso, mas, bem, agora não seria o melhor momento para perguntar.

Devem ter fugido das perseguições que as milícias faziam ao seu povo; os rios devassados pelo fogo e pelo fio dos facões, as famílias desmembradas pelo estupro coletivo e a violência generalizada. Os rostos marcados por uma seriedade profunda parecem revelar isso. Nos olhos da mulher, vincos fortes, como se registrassem o peso de algo que ela talvez tenha testemunhado. Eles me contam que foram descendo de lá do Putumayo a bordo de alguma canoa clandestina e acabaram fazendo uma nova vida aqui, nesse canto do mundo quase sem lei.

A velha índia tem um olho falso que não consegue se fixar em mim. Por trás daquela pupila de vidro desnorteante, ela parece enxergar outra coisa. Compro um cordão de contas e vou me despedindo. No te olvides de que los ríos te pueden traicionar, señor. No te olvides de los caminos que no están ubicados en los mapas de la tierra, me diz a velha enquanto pago a conta. Devolvo um sorriso meio surpreso, sem entender o que afinal ela quer dizer com isso. Quem sabe um conselho maternal? Ou a lembrança de alguma coisa projetada numa dimensão do tempo que ignoro? Pego o troco e deixo a loja com certo desconforto na respiração.

Magno, o motorista, me chama do meio da rua empoeirada. Vem com aquela simpatia calculada de quem não hesitaria em te passar a perna se pudesse. Mas sei que ele precisa manter seu teatro por conta dos acordos que foram firmados entre as instituições. Parece que conseguiu trazer a gasolina e tudo o mais. Vai me levar para almoçar e depois para o hotel. Uns homens com cara de cachorro acenam para ele do outro lado da rua. Estão sentados em cadeiras de plástico na

calçada, em frente ao que parece ser uma casa de câmbio. Há uma cumplicidade entre eles que eu prefiro ignorar. Há muitas coisas aqui, aliás, que precisam ser ignoradas. Isso eu já sabia desde que pisei pela primeira vez nesse asfalto vermelho melado.

O motorista me deixa na porta do El Comendador e combina a partida do dia seguinte. Carrego os caixotes de comida e as parafernália para dentro do quarto gelado pelo ar-condicionado. Tudo reunido, enfim. Agora posso me dar ao luxo de ter um dos últimos momentos de privacidade. Na TV, o canal evangélico sintonizado ao acaso dissemina sua paranoia. Noutro canal, gados nelore são apresentados por uma loira com roupa country. Noutro, relógios rolex vendidos em uma espécie de bingo televisivo. Anúncio de bundas perfeitas resultantes de supostas máquinas de fazer bundas perfeitas. Tomo uma ducha, desligo a TV e tiro um cochilo.

Breves sonhos confusos povoados pelas vozes das pessoas que deixei em casa. Ecos dos vínculos interrompidos pelo des-caso constante que me dominou nos últimos tempos. Estive sempre adiando a possibilidade de uma relação mais sólida para conseguir terminar de uma vez por todas isto: a história, aquela que ainda falta escrever, que não me deixa descansar. Como conciliar o cuidado com os vínculos, com os afetos, e as exigências deste lugar? Difícil. Sei que o risco existe: virar um espectro entre mundos, preso entre um e outro galho de uma árvore sem raízes. Acordo do sono leve, alerta. Desço para acertar as contas no balcão, porque de madrugada o pessoal vem me buscar e preciso deixar tudo pronto.

Na varanda do hotel, uma conversa estranha em português sobre corpos encontrados nos fundos do hospital. As

mãos amarradas para trás, as unhas e os dentes arrancados. Coisa de justiceiro, alguém diz. Coisa de vagabundo mesmo, diz outro. Deve ter sido mais uma daquelas meninas abastadas, comenta um terceiro. Escuto isso no canto do ouvido enquanto o escuro ainda toma conta da rua, o escuro que vai apertando a minha respiração.

Fico curioso pelo assunto, mas é melhor manter a discrição e não perguntar demais. Deve ser algo relacionado à recente perseguição dos travestis que vivem por aqui. Parece que, além dos velhos do Putumayo, eles também desceram para cá há anos, fugidos da guerrilha que se espalhava pelas cidades a montante, do outro lado da fronteira. Desde então vivem aqui em seus salões de beleza — às vezes três por quarteirão, como se houvessem mesmo tantas mãos e pés e cabeças para serem cuidados. Ficam lá trocando ideias entre si, fumando cigarros e se penteando. Todo sábado saem para dançar juntos nas festas do outro lado do rio. As festas da Praia da Maravilha, que antes eu costumava frequentar para me divertir, e que se estendem até de manhã ao som das cúmbias do momento.

Lembro daquela história da Victoria, uma travesti que se apaixonou por um policial federal brasileiro e fazia escândalo em frente ao escritório dele, bem ali ao lado do supermercado Big Big, aquele estabelecimento de fachada, lavanderia de dinheiro dos negócios sujos. Isso foi há alguns anos, se não estou enganado. Ela ficava ali esperando pelo policial e, quando o cara não aparecia, gritava palavras de amor, esperneava, fazia o diabo. A menina quase que morou por ali durante alguns meses. Acabou ficando famosa na região como “A Cantora”. Depois parece que cansou e foi morar para os lados do aero-



porto, enfiada numa casa de papelão que ela decidiu construir para si e que, por vezes, dividia com os cachorros vira-latas. Victoria, a doida. Acabou sumindo das ruas, ninguém sabe se devorada pelo mato ou pelos grupos que costumam limpar a cidade desse tipo de gente, indesejada pelos comerciantes e políticos locais.

Saio para um passeio no começo da noite. Alguns funcionários encostados no balcão do hotel recomendam não voltar pelo lado de trás da praça que dá quase para o barranco do rio. Semana passada encontraram um corpo ali. Nas ruas mal iluminadas, uns tipos obscuros me olham meio de lado. Entro no primeiro bar e esvazio algumas cervejas para comemorar essa noite derradeira. Agora é hora de encher a cara e de esquecer. Não sinto medo, mas sim um cansaço que pesa por dentro, a respiração endurecida que vai se diluindo nas latas de cerveja.

No caminho de volta, passo pelo Paradise, iluminado com suas luzes falhas de neon. As moças estão todas ali, como de costume, sentadas em suas cadeiras de plástico na varanda. Entro como quem não quer nada e tomo mais uma cerveja, escutando aquela salsa melancólica de fim de carreira. Mas a Jully resolveu dar um sumiço justo hoje, aquela garota, eu ficaria bebendo e lendo poesia com ela até o fim do mundo. Tentei algumas vezes convidá-la para jantar, fazer algo fora dali, ficar comigo no hotel, quem sabe até alguma viagem rio abaixo. Queria de fato conhecê-la melhor, talvez começar alguma coisa. Ela aceitava os convites e logo depois negava, deixando entender que na verdade não podia, mas que gostava de ser bem tratada e ficava triste por não poder aproveitar mais. Mágoa cruel por trás daquele corpo sem palavras. Entendi bem rápido que, para ela, sair dali implicaria violar

regras e sofrer as consequências, certamente violentas, e provavelmente também aplicáveis a mim. Desde a outra vez que não a encontro.

Sem ter mais o que fazer, repetindo as mesmas rotas desgastadas, escapo das calçadas sujas e volto logo para o hotel. Caio como uma pedra na cama, mergulhado num sono opaco e inquieto. Um solavanco, como se eu fosse tropeçar em algum buraco, e depois novamente o sono profundo. O avião me deixa no aeroporto de alguma metrópole importante da Europa. Ao desembarcar, percebo que estou sem malas, sem dinheiro, vestindo apenas uma camiseta e nada mais da cintura para baixo, nem cueca nem nada. Converso com os funcionários do aeroporto, todos vestidos, para os quais parece ser natural eu estar meio pelado e descalço. Razoavelmente convencido de que isso é de fato aceito pela sociedade, sigo pedindo informações e pensando no que farei então, nessa condição deplorável, sem dinheiro nem malas. Mas como é que não trouxe as minhas coisas? Como pude esquecer? Não seria melhor estar de calças? Não vão me achar inconveniente? Um grupo de adolescentes brinca com a minha desorganização, mas parece não perceber que estou sem cuecas, como se isto fosse algo natural. Um deles insinua uma risadinha, suficiente para me deixar em dúvida. Sem melhores opções, caminho assim mesmo em direção à saída dos táxis, onde outras tantas pessoas vestidas me olham com descaso. Devo seguir em frente e continuar a viagem, penso. Afinal, para que documentos, dinheiro ou calças?

O despertador toca furioso às quatro. Acordo sem querer acreditar que estou aqui de novo, prestes a encarar o rio. Vontade de sumir dentro dos travesseiros, de abrir a porta e dizer

que se enganaram de quarto, que eu não sou a pessoa pela qual procuram. Mas não. O corpo me lembra de que o mato é uma outra condição da qual não posso ainda me furtar. Levanto e me jogo à força embaixo do chuveiro frio. Uma chuva forte e chata cai na madrugada escura, era tudo o que eu precisava para começar. Não fosse esse fascínio, não fosse a história, eu não continuaria.

Racondo, meu parceiro de longa data que também está por aqui na cidade para fazer sei lá qual trabalho, me espera na portaria com a Paraty do taxista peruano. Racondo, um incansável estudante de literatura da Universidad Nacional de Colombia que apareceu para trabalhar por aqui alguns anos atrás, já começa a desfilar uma série de teorias e explicações intrincadas que vão desde a atual configuração política até a lógica interna dos mitos e as concepções de temporalidade, enquanto eu mal consigo digerir meu mau humor e um pedaço de bolacha de água e sal amolecida. Ele sabe da minha obsessão pelo pegador de pássaros, mas agora definitivamente não é o melhor momento para falar sobre isso.

“Cadê o Magno?”, eu pergunto olhando para baixo.

“Desta vez ele não liberou a picape, então vai ter que ser de Paraty mesmo. Cara, você leu o último texto do Zorotinski sobre a complexidade causal?”, ele pergunta, com um sotaque meio portunhol, meio carioquês.

“Que complexidade, Racondo? Que saco! O cara dá pra trás sempre na pior hora! Bom, vamos ver o que a gente consegue fazer com esse esquema mesmo”, reclamo.

“A complexidade que se desenvolve nas circunstâncias de bifurcação temporal. É genial!”

“Desculpa, não consigo pensar nisso agora, sei que deve ter a ver, mas me ajuda aqui a carregar esse galão pesado pra caralho!”

Racondo me ajuda a arrastar o primeiro galão de gasolina, mais de setenta litros pela escadaria estreita do hotel. Isso é mais uma porrada de outras coisas, que vamos descendo aos poucos até a rua. Abrimos o porta-malas e vamos levando tudo para dentro do carro, que quase cola no chão com tanta carga. Mal amanheceu e a longa descida para a beira do rio ficou realmente uma merda completa depois de toda aquela chuva. Um tobogã de lama. A Paraty perde o rumo e vai deslizando de um lado para o outro, bate nas beiras do barranco, atola e desatola, cospe lama e fumaça. Impossível controlar a direção. Mas enfim o taxista peruano consegue fazer o bicho descer até a beira. Vamos descarregando as caixas no lombo mesmo, entre as madeiras podres das pontes que atravessam as águas, não menos podres, daquele pedaço da balsa. Aos poucos, o dia já começa a despontar na outra margem do rio.

“Essa carga toda vai acabar com as minhas costas”, diz Racondo, que há tempos protela um tratamento de coluna pelo seu trabalho no mato. Ele e seu idealismo autodestrutivo, que aliás eu também cultivava, mas que para mim agora começa a girar em falso.

“A chuva é que já acabou com as caixas, isso vai ficar uma porcaria dentro da canoa. Depois de dez dias de viagem, quero ver os pacotes de macarrão chegarem inteiros na aldeia”, digo.

“Relaxa, vai dar tudo certo”, ele responde com seu incansável otimismo.

“Como é que vou relaxar? Os índios ainda não chegaram! Onde é que eles enfiaram a canoa?”, respondo impaciente.

“Devem ter confundido as balsas.”

“Deixa então que eu levo essa tralha toda pra dentro. Vá você chamar os índios, por favor!”

Racondo sai pela beira do rio para chamar os meus amigos que vêm me buscar, enquanto tento me recompor da irritação e ajeitar as caixas molhadas de comida no assoalho quase inexistente da balsa dos bombeiros. É ali que costumam chegar os índios que vêm do fundo do mato para a cidade. E é dali também que se costuma sair para uma viagem mais longa. A balsa dos bombeiros: poucas coisas são mais detestáveis do que isso; poucas coisas me fazem lembrar mais de que estou no lugar errado. Pelo menos enquanto não passo definitivamente para o outro lado do espelho opaco, enquanto não cruzo a linha escura deste horizonte que divide o rio e a faixa de floresta.

Horas depois, Racondo volta com o pessoal. Sem me mover da beira, vou acompanhando a canoa chegar. Ela vem devagar, vai atravessando o lixo espalhado pelas águas até atracar aqui, entre os outros barcos que também ficam amarrados nos pedaços de madeira. Boa surpresa: desta vez, desceu para me buscar o Sebastião Baitogogo, velho amigo que me chama de irmão mais novo, junto com alguns filhos e sua mulher atual. Para variar, a canoa está muito mais cheia do que deveria, lotada de gente e de parafernálias. Quase nunca eles vêm preparados como eu preciso, mas assim é. Toda essa lotação significa mais de dez dias sentado no banco, sem possibilidade de deitar ou de esticar direito o corpo. Algo corri-

queiro para quem vive nesse mundo das águas, mas não para mim. Saúdo Baitogogo como de costume.

“Você chegou?”

“Cheguei.”

“Não está doente?”

“Não.”

A tradicional recepção é sucinta, mas amável. Ela deixa minha irritação sem justificativas. Aqui não adianta ficar bravo, não adianta sair de si, pois o tempo percorre outras espirais.

“Você trouxe o motor 12?”, pergunto a Baitogogo.

“Ele tá aí, mas não tá muito bom, não.”

Baitogogo aponta com o queixo o motor quebrado dentro da canoa, para o meu desânimo, e se explica.

“O 12 não quis mais trabalhar, então a gente foi descendo com o 5 hp mesmo. Esse 12 do Raimundo tá quebrado, é bom de consertar lá na beira.”

Eu já esperava por isso. Nada costuma sair como previsto. Vou precisar dar um jeito nesse motor para fazer a viagem em um tempo razoável, pelo menos em uns dez dias. Entro na canoa e me acomodo logo, como quem está pronto para partir, antes que todo o pessoal queira descer e passear na cidade. Saímos deixando para trás o porto e Racondo, que fica por lá com aquele seu otimismo incansável. No primeiro dia, viajamos por seis horas até a beira da próxima cidade. Pelo cami-

nho, vou mais uma vez reconhecendo as ilhas e as pequenas comunidades que se estendem ao longo das margens, ao longo dos meandros enroscados pelas águas grandes e encontros de rios. Vamos arrumar o motor logo ali, naquele cemitério de mogno que é uma das últimas vilas antes de chegarmos lá, no outro lado. Infinitas toras de madeira boiam nas águas, mal escondendo as serralherias asiáticas que funcionam a todo vapor. Galpões velhos enferrujados cobertos com telhas de amianto e alumínio, fumaça preta pairando por cima das casas, uma multidão de barcos sucata encalhados na beira, murmúrios de tudo o que é ilícito por trás da bela paisagem.

Baitogogo e seus filhos aproveitam para dar um pulo na cidade. Começa o périplo pelos bares e visitas a parentes que vivem por ali. Mas sei que cedo ou tarde eles voltam. Enquanto isso, tento resolver o problema do motor na oficina. *Jociley III* é o nome de uma das lanchas ali ancoradas. Fico pensando na história. Talvez seja o nome da irmã do barqueiro, ou de sua filha caçula, que ele resolveu homenagear no casco recém-pintado da embarcação. Mas por que o III? Quantas outras *Jocileys* teriam existido? Reflexões inúteis que me desviam dos problemas a resolver, problemas práticos que me desviam dos desacertos que deixei em casa e que, por sua vez, encaminham, aos poucos, a longa subida pelo rio.

Os mecânicos vêm puxar papo enquanto espero.

“Aqui é o começo ou o fim do Brasil?”, pergunta um deles.

“Não sei, para mim é o fim, mas para você talvez seja o começo.”

“Se bem que lá de onde você vem também é na beira do mar, não é?”, ele continua.

“Sim, lá também é um tipo de fim de mundo. Aliás, foi ali mesmo que começou o fim do mundo para muita gente”, replico.